

reporter.

Semanário das
grandes reportagens



ler
neste número
JOANA
D'ARC
CHINESE

reporter

O SEMANÁRIO

DE MAIOR TIRAGEM E EXPAN-
SÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos
os acontecimentos de sensação
nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda
simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor
REINALDO FERREIRA
(Reporter X)

Chefe da Redacção
MÁRIO DOMÍNGUES

Redacção, Administração e Publicidade
Rua do Alecrim, 65—TEL. 2 1276—LISBOA
End. Teleg.: REPORTERX—LISBOA

Composição e Impressão
SOCIEDADE EDITORIAL «A B C», L.da
Rua do Alecrim, 61—Rua da Luta, 1-B

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses—série de 12 números—Esc. 11\$50
6 » » » 25 » —Esc. 22\$50
12 » » » 52 » —Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescem os respectivos portes

Pagamento adiantado

Deite fóra todas essas águas, gotas, azeites e tantas
outras drogas que lhe têm impingido para pintar os
cabelos.

Elas não são mais do que um assalto à sua bolsa...
Mostre que é inteligente.

Veja o que os melhores cabeleireiros empregam nos
seus magníficos trabalhos de pintura. Constatará que
é só

KOMOL

KOMOL, dispondo de 18 cores à sua escolha, desde
o Preto ao Louro Rosado, permite-lhe em sua casa,
e sem auxílio de ninguém substituir a côr natural aos
cabelos em **15 minutos** e eles ficam macios, soltos
e brilhantes, ninguém conseguindo que foram pintados.

CAIXA 25\$00

A' venda nos melhores estabelecimentos. Representante M. CABRAL—R. Camilo Castelo Branco, 20, Telefone N. 3831.—Depositário—FARMACIA OLIVEIRA, R. da Prata, 240—Telefone 2 1415—Agente no Porto—A. QUADROS Jr.—R. de Traz, 7, 2.º—Telef. 87

Misericórdia de Lisboa

Grande lotaria do Natal

Extracção a 23 de Dezembro, às 13 horas

PRÉMIO MAIOR

6.000 CONTOS

Na Tesouraria da Misericórdia de Lisboa estão à venda

bilhetes a 1.600\$00

meios bilhetes a .. 800\$00

décimos a 160\$00

e vigésimos a 80\$00

**Pelo correio acresce o porte
e registo**

PASSAPORTES

Espanha, França, Brasil e América do Norte

AGENTES NO NORTE DA

UNITED STATES LINES

NICOLAU FERRAZ

R. do Loureiro, 60

Porto Tel. 762

ABC - ZINHO

O ÚNICO JORNAL PARA CRIANÇAS
QUE SE PUBLICA EM PORTUGUÊS

A B C-ZINHO sai às segundas-feiras

Todos devem ler o A B C-ZINHO porque instrue, educa,
diverte e custa só **1\$00**

Preços por assinatura: — Por ano (52 números) 48\$00; por
6 meses (26 números) 24\$00; por 3 meses (13 números) 12\$00.

Pedidos à Administração: — Rua do Alecrim, 61 a 65

Basta escrever um postal e o A B C-ZINHO irá parar a sua casa

Homens & Factos do Dia

Piruetas à volta das danças modernas

SE esta esfalfada e dedicada moira que é a minha pena de trabalho possuíse órgãos vocais, comodispõe de todo um sistema digestivo e circulatório de... tinta, já teria enrouquecido à força de repetir que não existe audácia moral, social ou científica que me irrite e a que eu não preste uma atenta simpatia. Se por vezes, ao totalizar uma operação de análises e de comentários, ela resulta impiedosa, não é por chauvinismo estúpido do passado, por rabugice ou por... dispesia da carne. É por honestidade, por amor à verdade e — perdõem-me a imodéstia — por bom senso, pelo menos teórico.

Este mergulho das próprias «barbas em molho tépido e prudente» vem a talhe de foice pela leitura de uma banalíssima notícia sobre uma festa comemorativa que a direcção de um aristocrático e severíssimo colégio português, da égide de uma santa francesa, ofereceu há dias, seguido de salsitré em que as alunas, meninas de doze a dezasseis anos, bailaram, até ao romper do dia, exibindo tal talento nas desengonçadas acrobacias do charleston, nos tremores epiléticos do shimmy e nos dengosos abraços do tango, que os seus pares, jovens da nossa melhor sociedade, não se cansaram em tecer elogios ao elevado valor da educação fornecida naquêl colégio... A lisonja da crítica deve ter custado dois escudos a linha, e se os bailarinos pensaram, à saída, em fazer elogios, não foi decerto o método pedagógico das professoras que êles elogiaram mas sim as promessas ou realidades plásticas das educandas... Mas este caso, em si, que mereceria comentários especiais, serve-me apenas de pretexto.

A dança é — ou podia ser e já foi —, de todas as distrações humanas, uma das mais inocentes, das mais belas, e até das mais úteis, pela ginástica a que obriga os seus cultores... A dança, ou, antes, as danças modernas, filhas legítimas das confusões sociais da guerra, auto-perverteram-se e fizeram de um passo tempo benéfico e brilhante um foco infeccioso, sobretudo para a juventude... Que foi a civilização que as

criou? Quem o afirma? Em que se baseia? No facto de ser a América a irradiadora desses bailados? A civilização da América não é um dogma. A América produz muito bluff e os seus bailes ao ritmo do jazz são um bluff como as revoluções nos países onde há petróleo e que os americanos cubiçam.

Os gérmes desses bailes, no objectivo da sua imoralíssima técnica, são dois: a onda de volúpia, de loucura frenética e de depravação que a guerra provocou e o orgulho social e físico do feminismo yankee que logo contagiou o mundo. A Humanidade, ou parte apenas, saiu do pesadelo da guerra ensartada de torturas ou inesperadamente, alucinadamente, rica e lançou-se numa orgia desenfreada sófrega de excitantes, de prazeres, de ruído e de sensualidade — uns para esquecerem, para se recompensarem na inquisição sofrida, outros pela ânsia brutal de gozarem o ouro mal ganho... E assim nasceu o inferno africano das velhas latas do jazz, como diria Ferreira Gomes; e assim nasceram todos os vícios da orgia moderna e entre êles as danças, que eram a resolução da posse constante e estreita de corpos variados, colados e abraçados, ora na fricção da sua euritmia, ora na languidez dos seus êxtases mórbidos. E do lupanar, do cabaret, dos antros feckados da orgia e frequentados apenas por cortezãs e gigolôs e mitchês pagantes, onde eram, ao menos, lógicas as danças modernas, guindaram-se aos palácios aristocráticos e reais, aos lares burgueses e... aos próprios colégios de meninas...

Disse que o orgulho do feminismo yankee era um dos gérmes desses bailes, e vou explicá-lo... A mulher americana, em psicose de independência, sobretudo desde a guerra, tem pelo homem o mais humilhante dos desprezos. Vivendo como êles, fazendo e lutando como êles, e gozando a vida livremente e possuindo, como suplemento, os encantos que obrigam aqueles a rastejarem bajoujes e servis atrás dela, julga-sesenhora do sexo supremo.

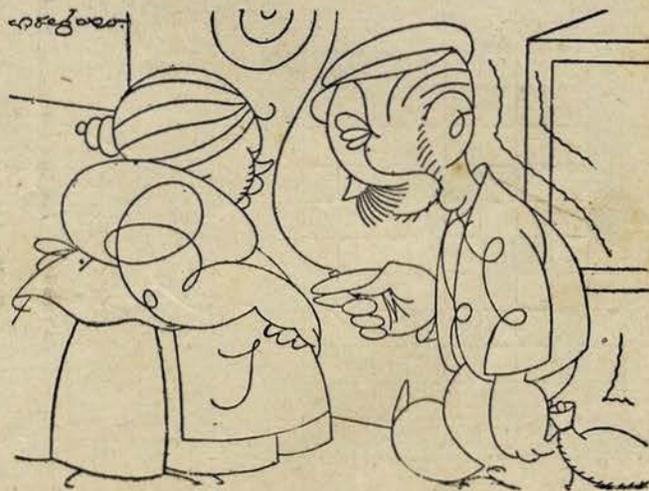
Daí a chantage da sua hipócrita in-

sexualidade. Para coisa alguma necessita dos homens, nem como trovadores sentimentais, nem como amantes, nem como maridos. Contra esta basófia, revolta-se a natureza. E as americanas, para não se darem por vencidas, trouxeram para os salões as danças dos cabarets, benzeram-nas no seu velhaco puritanismo, e bailando-as, com o ar indiferente e frio de quem joga ao golf ou ao foot-ball, iludem os seus sentidos no contacto sensual da dança mas, sem transigirem... teóricamente...

Escusam os cegos ou os hipócritas de jurar que uma dança moderna pode ser bailada honestamente. Pésimo sintoma seria êsse, se fôsse verdadeiro... Como é possível que dois entes de sexo diferente — jovens cheios de vida ou adultos com alguma mocidade — se enlacem, se apertem, corpo com corpo, e que, assim unidos, confundidos, misturados, se desengoncem, se requebrem, com as faces escaldantes a roçarem-se, os hálitos a queimarem-lhes as faces, os lábios sem outra fronteira do que a dos hálitos, dominem em absoluto os ímpetos implacáveis da Natureza, sobretudo não tendo outras testemunhas do que... as do seu próprio pensamento e sensibilidade? Para nós, homens, para mim quando me dava ao festim de bailar, que prejuizo nos causavam essas danças? Nenhum... Ah! Mas já o mesmo não sucede com elas, mocinhas púberes ou damas feitas. Se são inocentes, os efeitos inconscientes do bailado amarfamham a sua inocência como se fôsse um farrapo; se são honestas, saírao dos braços do bailarino levando na alma e na carne o tridente da tentação, tanto mais difícil de vencer quanto o pecado está meio cometido.

Uma vez, num baile da província, mas baile a rigor, escutei um diálogo entre

(Continua na pag. 15)



- Minha filha está aprendendo esperanto.
- E já fala bem?...
- ...Muito bem! Como um natural do país.

UM SUCESSO ESTUPENDO!

O êxito do nosso concurso obriga-nos a mante-lo

Esgotaram-se edições sucessivas que o nosso semanário imprimiu, atingindo uma tiragem inédita entre os semanários portugueses

LUTE CONNOSCO! BATA-SE ATÉ VENCER!

Esta nossa iniciativa tem sido coroada do maior triunfo

Mais 4.000 escudos de prémios em dinheiro

Mantem-se o êxito magnífico dos *Concursos KOLOSSOS* do *Reporter X*. As *BATALHAS NAVAIS* tornaram-se a paixão dominante em todo o país, e do Porto, de Coimbra, de todas as localidades da provincia telegrafam-nos anunciando o êxito único do nosso concurso, êxito sempre crescente como se verifica pela entrega de «folhas de combate». Mas mais eloquentes do que as palavras são êsses factos, que nos obrigam, atendendo também a milhares de pedidos que nos têm sido dirigidos, por concorrentes e leitores, a continuar, por mais tempos, os retumbantes *CONCURSOS KOLOSSOS*.

Quando no passado número alteramos o valor dos prémios de 4.000 para 6.000 escudos fizemo-lo com tenção de terminar com as *Batalhas Navais*, e iniciar em seguida a publicação das condições dum *Concurso do Natal*, não menos interessante e que, estamos certos, seria também

correspondido pelos nossos milhares de leitores. Os nossos leitores e concorrentes obrigaram-nos, com a sua adesão carinhosa à nossa ideia e a pedido feito por milhares deles, a *continuar* com as *BATALHAS NAVAIS*, hoje o passatempo predilecto de perto de 50.000 leitores do *Reporter X*. Assim volta a importância total dos prémios a ser de 4.000 escudos distribuidos com plano igual ao das 3 primeiras *BATALHAS NAVAIS* plano que adiante publicamos.

IMPORTANTE

Vários concorrentes nos têm dirigido diversas perguntas, uns por escrito outros pessoalmente. Naturalmente que não podemos responder individualmente, pois que isso representa grande dispêndio de tempo e de dinheiro e ainda principalmente porque isso se torna desnecessário: tudo

quanto os concorrentes dos nossos famosos concursos precisam saber vem no *Reporter X*, bastando somente que leiam com atenção as páginas que ao concurso se referem.

No entanto entendemos dever responder aqui a uma pergunta que insistentemente nos tem sido feita, dizendo que todo e qualquer leitor do *Reporter X* pode concorrer com mais de uma «*Folha de combate*» aumentando assim as probabilidades da sua vitória.

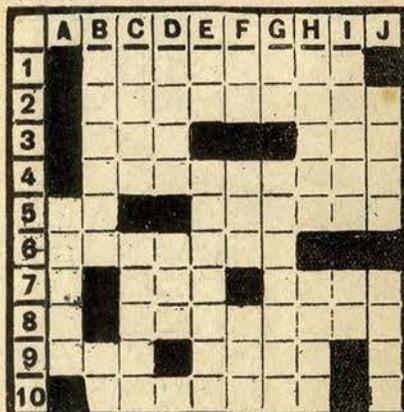
Todas as pessoas a quem tenham saído prémios, escusam de nos escrever a perguntá-lo, pois serão avisadas pelo correio.

E, para finalizar, uma recomendação fizemos a todos os nossos prezados correspondentes: que nos escrevam em letra bem legível, pois que muita correspondência relativa ao concurso não tem o devido seguimento porque se não compreendem os nomes ou as moradas de quem nos escreve.

SEM SE COMBATER NÃO SE PODE VENCER! BATA-SE CONNOSCO!

Todas as sextas-feiras, às **10 horas da manhã**, será afixado, em Lisboa, na montra da Tabacaria do «Café Chave de Ouro», no Rossio; na «Havaneza do Calvário», Largo 20 de Abril, 27-28; «Castela, L.da—Sapataria Chiado», Rua Garrett, 96; na «Havaneza do Almirante», Rua José Falcão, 41-43; no Porto, na casa Manuel da Silva Braga, na Praça da Liberdade, 129, e em Coimbra, na Tabacaria Silva, Rua Ferreira Borges, 41, um envelope KOLOSSO, fechado e lacrado, contendo dentro um rectângulo, como este:

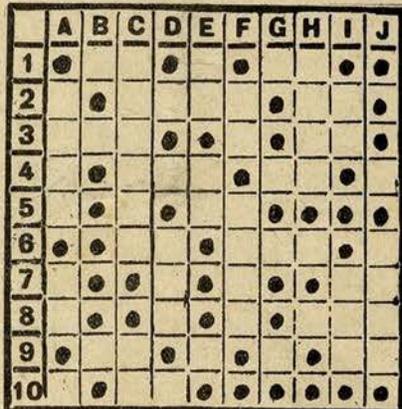
EXEMPLO:



- 1 *navio almirante* de 4 canos, que ocupará 4 pequenos quadradinhos seguidos.
- 2 *cruzadores* de 3 canos, que ocuparão, cada um, 3 pequenos quadradinhos seguidos.
- 3 *destroyers* de 2 canos, que ocuparão, cada um, 2 quadradinhos seguidos.
- 4 *submarinos*, que ocuparão um pequeno quadrado, cada.

A habilidade de cada concorrente estará em destruir esta *esquadra*, cujas posições se encontram escondidas no envelope, com uma série de **quarenta e cinco tiros**, que marcará (sem tocar as linhas, sem rasuras nem emendas) ao centro de cada pequeno quadradinho.

EXEMPLO:



Os tiros marcam-se com um ponto a tinta na

«Folha de combate» que publicamos todas as semanas. Essa «Folha de combate» será preenchida pelo concorrente com o seu nome e morada conforme o impresso indica, e entregue pessoalmente ou pelo correio (e neste último caso acompanhada de um selo de \$25) até às **19 horas da quarta-feira seguinte**, na Administração do *Reporter X*, Rua do Alecrim, 65, 1.º, para os concorrentes de Lisboa, que receberão em troca uma senha numerada. Os concorrentes do Porto e de Coimbra farão a entrega da sua «Folha de combate», respectivamente, na Praça da Liberdade, 129 e Rua Ferreira Borges, 41, até às **17 horas** prefixas de quarta-feira, recebendo igualmente em troca uma senha numerada. Os das provincias enviar-nos-ão as suas «Folhas de combate» pelo correio, de fórma a chegarem à Rua do Alecrim, 65, 1.º, na quarta-feira seguinte à da publicação de cada folha, acompanhando a remessa com a franquia de \$25 centavos a-fim-de lhes ser remetida a respectiva senha numerada. Dentro dos prazos estabelecidos, qualquer concorrente nos pode enviar de qualquer ponto do país a sua «Folha de combate», acompanhada da franquia postal, para a nossa administração de Lisboa.

Na semana seguinte os envelopes KOLOSSO afixados em Lisboa, Porto e Coimbra serão abertos à frente do público, patenteando as posições da nossa *esquadra*, e o *Reporter X* dêsse dia reproduzirá as mesmas posições, por onde os concorrentes verificarão, num relance, até que ponto os seus tiros foram eficazes e destruidores.

E logo ao lado dêsse envelope aberto outro envelope KOLOSSO surgirá fechado e lacrado contendo as posições da *esquadra* para a grande batalha da nova semana que começa.

(Ver prémios e «Folha de Combate» na pag. 16)

Dentro d'êste retângulo oculto no envelope, em posição horizontal ou vertical e separados uns dos outros, o *Reporter X* colocará as seguintes unidades da sua *esquadra*:

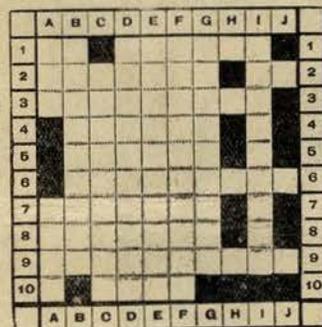
LISTA DOS PREMIADOS DO 3.º CONCURSO



Provincia

Alvaro de Sousa Gião	Esc.	500\$00
José Casal Pelayo	»	200\$00
João Ferreira de Almeida	»	10\$00
Cerbónio de Oliveira Guerra	»	10\$00
Manuel Monte Cid	»	10\$00
António Farinha	»	10\$00
Joaquim das Santas Romão	»	10\$00
Rogério Dias Sousa	»	10\$00
M. Guilhermina Amaro Pinto	»	10\$00
Eurico Bentes de Oliveira	»	10\$00
Alexandre Marques Barroso	»	10\$00
Artur Neto de Barros	»	10\$00
José Teixeira Couto	»	10\$00
Francisco Homem R. Rodrigues	»	10\$00

A colocação da esquadra do «Reporter X» na 3.ª Batalha Naval



Alguns dos contemplados nos nossos últimos concursos: Alvaro de Sousa Gião, Afonso Henriques, Raul Pereira Leite, Alberto Pereira de Lemos, Artur Neto de Barros, Joaquim dos Santos, Gaspar L. de S. João, Mário Alberto Correia, Monteiro Monte Cid, Lúcio Nunes, Eurico Bento de Oliveira, João Travassos Lamy, Alexandre Marques, Mário Tomaz, Francisco Honório Rodrigues, Rogério D. de Sousa, Mário João Peres, Angelo dos Santos e Mário Pires de Barros.

Lisboa

Raul F. Roiz Pereira Leite	Esc.	550\$00
Afonso Henriques Ventura		
José Apolinário	»	200\$00
Mário João Peres	»	100\$00
Joaquim Travassos Lamy	»	20\$00
Mário Tomaz	»	20\$00
Aníbal da Silva	»	20\$00

Porto

Mário Alberto Correia	Esc.	500\$00
António Alberto Fonseca	»	200\$00
António Casal Pelayo	»	100\$00
João Gomes Cardoso	»	20\$00
Alfredo Assunção Cruz	»	20\$00

Coimbra

Horácio de Oliveira Pinto	Esc.	500\$00
Ivo da Veiga Cortesão	»	50\$00
António Machado Bettencourt	»	50\$00
Maria de Lourdes Melo Pereira	»	50\$00
Carlos Alves Barata	»	20\$00
Joaquim Pereira Abrantes	»	20\$00
Manuel Lourenço Júnior	»	20\$00
Joaquim Monteiro	»	20\$00
António Augusto dos Santos	»	20\$00
João Ruy Barata Pinto Duarte	»	20\$00
Manuel Simões Pereira	»	20\$00
David Leandro	»	20\$00
César Augusto	»	20\$00
João Braamcamp M. Silva	»	20\$00
Alexandre José da Silva	»	20\$00

O êxito do nosso concurso



Tem sido constante a afluência de público aos nossos escritórios para entrega de «Folhas de combate», o que demonstra o interesse que o nosso concurso obteve de milhares de pessoas. A gravura que junto publicamos, tirada nos nossos escritórios, é a documentação desse êxito



A sr.^a Na-Ting com o uniforme de coronel da Aviação do Exército Nacional Chinês

POR muito atentos que estejamos ao conflito sino-japonês, aliás previsto por nós em todas as suas minúcias, sem prosápias a Bandarra ou a outro qualquer sapateiro verzejador de profecias; por muito que aguçemos os sentidos para seguirmos, passo a passo, as sinuosidades da inevitável guerra, uma autêntica muralha chinesa nos impede de alcançarmos a sua zona íntima. Essa fronteira é amassada pela confusão aflitiva dos nomes dos seus homens máximos, dos seus pilotos políticos, dos seus oficiais mais representativos. E, se teirmos em nos

Como conhecemos, numa hora triste, em Madrid, o famoso coronel chinês Na-Ting, a Joana d'Arc chinesa,

que é uma linda jovem que baila o "shotis" e viveu uma romântica aventura com Alfredo Sierra Valles, antigo "gentleman" aventureiro e actual ministro de Guatemala.

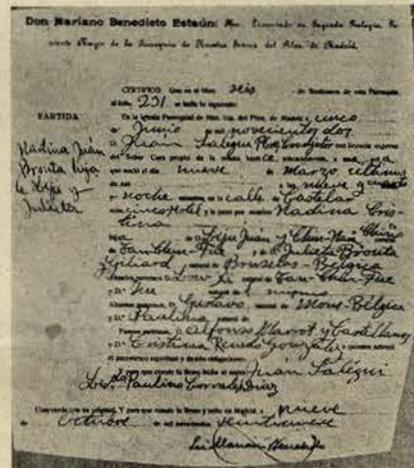
orientar nêsse elenco labirintico de nomes e apelidos monossilábicos, compostos invariavelmente pelas mesmas duas vogais e por uma meia dúzia de consoantes, arriscamo-nos a ressuscitar os mortos, a assassinar os vivos ou a casar irmãos. E' natural, pois, que, embora debruçados sobre essa nova cratera, não nos tivéssemos fixado no nome do coronel Wang-Na-Ting nem sequer para o sobrepormos a uma das reminiscências melhor conservadas da nossa juventude, na qual o coronel, ou antes, a *señorita* Wang-Na-Ting (o coronel não é sequer uma *dama*: é uma mocinha, e muito jovem e viva e graciosa), heroificou um dos principais papeis. Foi preciso que os seus retratos, um em traje feminino, europeu, parisiense; outro fregolizado no uniforme chinês, publicados na imprensa estrangeira, nos alertassem para que ligássemos o seu nome (dir-se-ia bordado a missanga) à romântica madrilena que conhecêramos em 1919...

Se o exército russo vermelho exhibe, orgulhosamente, perto de 8.000 mulheres — soldados, tenentes, coroneis —, o chinês em pouco se lhe atrasa. Mas não julguem que essas mulheres militares compõem uma carnalada *snoob* — militares apenas pelas calças e pela farda — e que bem podiam fazer o pouco que fazem conservando as suas *toilettes* femininas. Não! Tanto na Rússia como na China, as mulheres-soldados estão preparadas para as mais duras e cruéis provas da guerra, desde o assalto de trincheiras até ao *à la charge*... Todos os Estados Maiores possuem capitães, coroneis e não sei se generais... do sexo que já foi fraco...

O coronel Wang-Na-Ting, a-pesar-do seu patriotismo ardente, do seu nacionalismo rubro, não nasceu na China, nem sequer na Ásia ou mesmo no Oriente europeu. Só muito tarde conheceu a pátria dos seus maiores. Nascida em Madrid — não existe madrilena de Lavapiés, neta de Goya, mais castiça, mais espanhola, mais *verbena* e *pandereta* e *shotis* do que ela. A *Estampa*, que se lhe refere no último número, prova-o, reproduzindo a certidão de baptismo, extraída do livro da igreja de N. S. do Pilar, de Madrid, a 5 de Junho de 1902 (o coronel conta, pois, 29 anos), filha de Liju-Juan ou Chin-Nan, cidadão chinês, natural de Chin-Fu, e de Julieta Bronta Gilliard, natural de Bruxelas. O pai, então diplomata destacado em Espanha, viera muito novo para Madrid, onde estudara e onde se casara com aquela dama belga. A' noéfitia puseram o nome de Nadina Cristina — que é, afirma o pai, sem se saber porque, o equivalente ao nome chinês Na-Ting que, por sua vez, significa «Caladinha e Quietinha», antíteses do gênio e temperamento do futuro coronel.

Até 1913, convivendo com a mocidade aristocrática de Espanha, a sua existência, os seus modos, os seus gostos, os seus sentimentos em nada deixavam adivinhar o sangue amarelo que lhe corria nas veias. Era madrilena, era *galita*, envolvendo o busto gentil num *manton* de Manilla com a graça de uma *maja*, pondo a *pelnetta* com *salero* andaluz e bailando o *shotis* como se baila em *La Paloma*.

Subitamente, o pai, que havia 25 anos não visitava o governo, recebeu ordem para ir ocupar um posto de destaque no Ministério dos Estrangeiros. Quando a linda Na-Ting escutou a ordem de se preparar para a viagem, entristeceu, e, por



Certidão de idade do célebre coronel chinês, passada na Igreja de N. S.^a do Pilar em Madrid

fim, sacudindo, nervosa, os ombros, disse: «Está bem... Mas voltaremos em breve para Madrid.» Uma vez em Pekin, espantou e quase escandalizou parentes e amigos de família com os seus hábitos espanhóis e com os seus caprichos de *travesti*. Felizmente que o império já caíra, e a China estava em plena revolução social. Um dia, um velho mandarim conservador, seu tio-avô, censurou-a, rematando a reprimenda com o seguinte conselho: «Lembra-te, minha filha, que deves casar e que a mulher deve obediência absoluta ao marido!» — «Menos quando o marido ordenar autênticas imbecilidades à mulher, não é verdade?»

Pouco a pouco foi-se contagiando pela inflamação patriótica e revolucionária e nacionalista das universidades e começou a destacar-se pelo ardor com que defendia os novos ideais, o entusiasmo com que falava nos *meetings* e a audácia com que conspirava contra a dominação estrangeira. Mas, após os seus *footings*, os seus *tennis* e os seus discursos, arrebanhava um grupo de mocinhas chinas e obrigava-as a bailar com ela o *shotis*. — «Sabes o que é o *shotis*? É' uma dança de Madrid — da minha querida terra!» Há três ou quatro anos, numa festa oficial, apareceu fregolizada em *travesti* aragonês e, como tal, esperneou uma *jota* impressionante. Estava presente o general Ting-Chin, a quem a desenvoltura da pequena Na-Ting surprendera singularmente. — «Gostas muito de

te vestir de homem?»—preguntou-lhe.—«Sim! Sempre que pratico os *sports* ou necessito usar de toda a minha agilidade.»—«Porque não entras para o nosso exército? Davas um belo exemplo e ser-nos-ias muito útil.» E assim nasceu a brilhantíssima carreira militar da pequena Na-Ting. Os seus galões de coronel, ganhos em plena mocidade, não eram só produto do seu heroísmo constante, frente ao inimigo: foi também o prémio pelo seu talento estratégico e pelo seu poder de condutora de massas guerreiras.

Os jornais que evocaram ultimamente o coronel *Nadina-Juan-Cristina* afirmam que desde 1913 ela vive torturada pela saudade de Madrid. E' um erro! Na-Ting voltou a Espanha, com os pais, e manteve-se em Madrid de 1918 a 1919..., onde então a conhecemos.

Era nosso cicerone em Madrid um poeta de Guatemala, um *gentleman* um pouco aventureiro mas cheio de talento e de pobreza. As suas ambi-



A bela sr.^a Na-Ting com os seus trajes femininos

ções de elegância e de *grand-monde* representavam, na sua intimidade, uma ininterrupta tragédia pela falta absoluta de recursos. Chamava-se Alfredo de Sierra Valles. Após uma mocidade doirada de Tenório feliz, apaixonou-se pela graciosa Na-Ting; e Na-Ting, cubçada por todos os princípios da Boa Sorte, desprezava os bons partidos, disposta a sacrificar-se pelo homem que amava. A pobreza de Sierra Valles era quasi que uma ofensa para a roda que a familia de Na-Ting frequentava. Um dia, sob ameaça de ser considerado um chantagista, caçador de dotes, o pai dela obrigou-o a abdicar da sua ventura. Foi convidado a assistir à última entrevista dos pobres namorados — uma noite de inverno... Ele beijou-lhe as mãos, pálido de morte; e ela olhou-me como que a suplicar-me que não o abandonasse, para evitar qualquer acto de desespero. E assim se separaram para sempre. Toda a noite Alfredo de Sierra Valles chorou ao meu lado, como uma criança... Passaram-se anos. Em 1927 — ele triunfara na vida — era ministro de Guatemala em Paris; em 1931 — ela é... coronel no exército chinês. E do grande amor que os unia existirão ainda algumas... cinzas?

R. X.



Dinheiro! Dinheiro!

O que é o «Serviço de Capitalização» do dr. Pawel, onde se burlam os incautos.

ALEGREM-SE, leitores menos abastados! Vai acabar a praga dos agiotas e penhoristas! Um «benemérito», o dr. Pawel, montou um Serviço de Capitalização com escritórios em Lisboa, o qual, pela módica quantia representada pelo juro de 7%, se propõe emprestar qualquer importância até 200.000\$00!!

Rejubilem os leitores, que nós também nos alegrámos quando vimos o anúncio no «Diário de Notícias». Mas depois... Depois pensamos melhor e vimos que o dr. Pawel que se entrega a tão importante negócio e se mostra possuidor de tão altos capitais não indica morada onde os seus clientes o possam procurar. Limita-se a indicar o n.º 380 da Posta Restante, de Lisboa, para onde lhe pode ser enviada a correspondência... e o dinheiro. Porque, apesar de ser ele quem se propõe emprestar, é sempre ele quem recebe e nunca restitue.

Certos, como aqui temos dito e demonstrado mais de uma vez, de que anda meio mundo a enganar outros meio, quisemos saber quem era o dr. Pawel e qual a mecânica das suas famosas operações. A primeira parte era mais do que difícil — era impossível. O dr. Pawel não existe, naturalmente, chamando-se assim como se poderia chamar Zé dos Anzóis. A mecânica do negócio pudemos reconhecê-la...

respondendo ao anúncio e depois de algum trabalho.

Para evitar ilusões e passos inúteis, logo ao alto das instruções, o famoso dr. Pawel avisa: «Visto o grande movimento da nossa casa, tratamos, qualquer assunto que seja, sómente por correspondência e é inútil apresentar-se pessoalmente, o nosso pessoal inteiramente ocupado não podendo ser imobilizado para atender devidamente os visitantes.» (?)

RECIBO _____ \$

Recibi hoje de _____
a quantia de _____
em cobertura das minhas despesas e para a transmissão dum
pedido de Empréstimo de _____ ao serviço de
CAPITALIZAÇÃO da Casa D. PAWEL, em Lisboa
em _____ de _____ de 193__
O CORRESPONDENTE

Depois deste aviso, não, sabemos que mais admirar. Se a desfaçatez do burlão se a ingenuidade dos que cairam na armadilha — porque sabemos que alguns têm caído. Mas voltemos à explicação do negócio.

(Continua na pag. 15)

Lenine, a espôsa, o teatro «Atelier» e a cidade do Porto

ESTÁ provado que após todas as fatalidades históricas se produz, por misterioso fenómeno, uma benéfica reacção dinamizada pelo génio e predestino de homens excepcionais, ignorados até então, e que, seguramente, sem o pretexto dessas fatalidades, não teriam conquistado a glória eterna. E' uma das muitas manifestações da força do Equilíbrio Supremo, que domina os insectos, as humanidades e os astros. A Grande Guerra, porém, tendo sido uma das mais profundas catástrofes que se registaram até hoje, talvez mais vasta e cruel que a da Atlântida, não nos recompensou com esse Olimpo de super-homens. E dos poucos (são os seus próprios adversários que o reconhecem) destaca-se Lenine.

Lenine estorou — estoriar é o termo — sob o esforço inverosímil do seu génio, como um Samsão que abun-

sasse da sua força até pretender — e conseguir — arrancar o eixo à terra. Mas a sua força psíquica ultrapassou as leis da morte e ainda hoje governa os destinos de parte da Humanidade.

Existe na Rússia, e fóra da Rússia, nas zonas simpatizantes com as suas ideias e realidades, um verdadeiro fanatismo por Lenine, obedecendo-se às *consequências* da sua obra e aos reflexos do seu cadáver como soldados disciplinados que escutassem directamente as vozes de comando do seu mais querido e mais admirado general.

... O teatro moderno, na ânsia de emparceirar com o cinema ou com a época, tentou, com êxito, um novo género de dramaturgia: a de deslocar para o palco os dramas reais de maior oportunidade, seja pelo *vient de paraître* do escândalo, seja pelo acaso de uma evocação. Assim em Paris, Berlim, Londres, tem-se representado ultimamente peças como o «Pasteur», «Clemenceau», «Gambetta», «Dreyfus», «A mocidade de Mussolini», «O último tzar», etc. O mais recente sucesso desse novo teatro é o «Tzar»

(Continua na pag. 15)



Trotsky e Lenine, dormindo, após a revolução, na peça «Tzar-Lenine»

recente sucesso desse novo teatro é o «Tzar»

AS GRANDES REPORTAGENS DO «REPORTER X»

O Angola e Metrópole na literatura

O LIVRO DE ALVES REIS NÃO JUSTIFICA UMA REVISÃO DO PROCESSO, DIZEM OS ADVOGADOS DE DEFESA E ACUSAÇÃO

ALVES Reis atirou para o interesse público e para as montras dos livreiros mais um volume — intitulado As razões da minha confissão. Ao contrário do que sucedia com os volumes anteriores, principalmente com o Dossier Secreto, neste livro, Alves Reis só acusa uma pessoa: ele próprio. Foi ele quem planejou a formidável burla, quem a realizou, só ele pôs de pé aquele monumento formidável de falsificação e ambiente. Tal o espírito do livro.



Dr. Nobrega Quintal

Mas, como nêle Alves Reis pretende libar os co-réus de toda a culpa e intenção criminosa, atitude já anunciada na audiência do julgamento, logo houve quem visse no livro um motivo para que os outros réus do monstruoso processo pedissem a sua revisão ou para que o mesmo subisse até ao tribunal plenário — o recurso dos recursos.

O que dizem do livro famosos os advogados que no Tribunal de Santa Clara ocupam os lugares de acusadores e defensores?

O sr. dr. Barbosa e Magalhães, acusador particular no julgamento do Angola e Metrópole, com procuração do Banco de Portugal, professor de Direito muito distinto, disse-nos:

— Não tem grande importância o livro de Alves Reis. É mais um truc do emérito falsificador...

— É? ... — É? como lhe digo. Para conseguir aquele feito na capa, ele sobrepôs duas chapas...

O livro é tudo aquilo, e a capa indica bem o que está dentro...

— Há quem pretenda que justifica uma revisão do processo?

— Não acredite! Assistiu ao julgamento? Ouviu o discurso que Alves Reis impingiu às gentes embasbacadas? Pois o livro é a repetição desse discurso, tendo a mais só a notícia de que o autor se converteu ao catolicismo, e por isso resolveu confessar... o que ele chama a verdade.

— Recolhida assim a opinião do ilustre acusador de Alves Reis, necessário se tornava ouvir a opinião do advogado de defesa, o sr. dr. Nobrega Quintal, que há muito se afirmou, também, um valor do nosso fóro.

— A sua opinião sobre o livro de Alves Reis? — perguntámos.

— Respeito as novas crenças que ele diz ter adoptado, embora não concorde com a tese posta no livro As razões da minha confissão de que, só porque se arrependeu, deve ser perdoado.

(Continua na pag. 12)

Dr. Barbosa de Magalhães

Dr. Nobrega Quintal

Dr. Barbosa de Magalhães

Dr. Nobrega Quintal

D. Duarte Nuno, o «rei» dos integralistas, esteve em Portugal, sem que o governo, a policia ou a maioria dos seus fieis o soubesse

DEPOIS que o trono dos Braganças derruiu, na noite revolucionária de 4 de Outubro de 1910, foi o Príncipe D. Duarte Nuno, neto do Rei D. Miguel I, o primeiro membro da Família Real portuguesa, proscrita pelas leis da República, que conseguiu pisar chão da nossa terra.

É claro que, quando assim dizemos, damos de mão à lenda fantástica, algumas vezes posta a correr, segundo a qual o próprio soberano banido, o sr. D. Manuel de Bragança, teria vindo várias vezes, sob responsabilidade do governo inglês, tratar, na terra que constituiu os seus reinos, dos seus importantes negócios materiais. E também não metemos na conta dos pertencentes à Família Real exilada os bastardos, filhos de reis, que, desaparecido o trono, por cá se ficaram, alheios às leis que atingiram os seus maiores, como esse pobre Bispo de Trajanópolis, filho natural do Rei D. Fernando, tio, portanto, do sr. D. Manuel, que a Lisboa republicana dos nossos dias ainda conheceu, escondendo na côr postiza das suas barbas típicas de padre missionário o «mistério» da sua ascendência; e o velho general José Miguel..., filho de D. Miguel, que, ao que cremos, ainda esteve, embora reformado, nas fileiras do exército republicano. E relegamos para o mais profundo esquecimento os netos de D. João VI e os filhos de D. Luiz, que por aí existem, ocultando no plebeísmo dos seus nomes (quando não é em nomes ilustres, que também os há) o «sangue azul» que lhes corre nas veias. Se pudessemos obrigar os cinco milhões de portugueses a um nudismo provisório, contar-se-iam por dezenas o que exhibissem uma pequena flôr de lis violácea, estampada no peito, à esquerda do esterno. Pois bem: essa flôr de lis é o estigma hereditário de todos os filhos e netos, legítimos ou bastardos, de D. Luiz. El-Rei D. Carlos, o desditoso D. Luiz Felipe, D. Manuel, entre os legítimos, e um artista dos mais brilhantes e cultos, entre os ilegítimos, estão gravados por esse sinal inconfundível...

Mas, quando dizemos «um membro da Família Real», queremos-nos referir a um príncipe cujos direitos de sangue e cuja legitimidade o liguem, num parentesco próximo e legal, com o último soberano da nossa monarquia. Ora, de todos os membros da ex-família reinante, que se saiba, com provas seguras, o último que esteve na nossa terra — e há pouco mais de um ano — incógnito e... clandestinamente, foi «Sua Alteza» o Príncipe Real D. Duarte Nuno, «presuntivo herdeiro do presuntivo trono de Portugal», segundo o Pacto de Paris, e pretendente a esse mesmo trono por parte dos integralistas, actuais legitimistas portugueses.

PRÍNCIPES INCÓGNITOS E... PRÍNCIPES CLANDESTINOS

Para visitar a pátria de seus maiores, o senhor D. Duarte Nuno infringiu nem mais nem menos do que duas leis vigentes. A primeira, ainda do tempo da Monarquia, a que baniu de Portugal, em

O neto de D. Miguel aproveita uma fronteira aberta, viaja do norte ao sul em automovel e por um pouco que não é descoberto

1834, o ramo chamado legitimista, da casa de Bragança. A segunda, já da República, que expulsou, pura e simplesmente, todos os membros da família Bragança. Seu pai, o Príncipe D. Miguel, como aliás seu avô, o Rei absoluto, estiveram várias vezes em Portugal. D. Miguel, rei sem trono, viu a luz da vida já no destêrro, na Áustria, para onde a infelicidade das armas atirara o seu progenitor, o Rei D. Miguel I. Todavia, o pai, para que o seu herdeiro nascesse em chão português, mandou que o pavimento do quarto da princesa, sua sogra, fôsse atapetado com terra da sua pátria — terra que a devoção acrisolada dos seus



D. Miguel II, filho do Rei absoluto e pai de D. Duarte Nuno

fieis expedira de Portugal para aquelas amargas paragens do exílio. D. Miguel II nasceu, pois, num ambiente tão português quanto podia sê-lo num país estrangeiro; e cresceu no culto duma pátria que lhe diziam ser a sua, mas que ele nunca vira. E um dia, depois de várias combinações de ordem particular com o governo português, D. Miguel II visitou Portugal, como só o fizera seu pai, o soberano proscrito.

Reinava então D. Luiz I. O Rei viu, pela primeira vez, o seu parente,



A residência do sr. dr. Pequito Rebelo, na Avenida António Augusto de Aguiar, 134, onde dormiu D. Duarte Nuno

duma janela do Palácio da Ajuda, numa ocasião em que o príncipe expulso admirava a velha moradia realenga. Depois, essas visitas repetiram-se. A última foi em 1901. Reinava já então D. Carlos I. Os miguelistas, ao vêrem o seu rei, perderam a cabeça e até o sentido das conveniências. Desandaram em homenagens tonitroantes ao filho do Rei absoluto e de tal forma que a coisa tomou aspectos de verdadeiro escândalo.

Na Câmara dos Pares os velhos e gotosos conselheiros protestaram contra o deslante que constituía a vinda a Portugal do pretendente ao trono. Como uma troca contra as iras dos conselheiros, afirmava-se, à boca cheia, que D. Miguel II fôra recebido, nas Necessidades, por seu primo o Rei D. Carlos.

UMA AVENTURA DE PRÍNCIPE

A vinda a Portugal do último filho de D. Miguel II, o Príncipe D. Duarte Nuno, passou-se de maneira bem diferente. Como seu pai, também o actual «Rei dos integralistas» viu a luz na terra dura do exílio. Quando chegou à idade do entendimento, disseram-lhe que lá longe, num país vago, houvera um trono que pertencera a seus maiores. Acrescentaram-lhe que, nascido embora em terra austríaca, a sua nacionalidade era portuguesa. E um dia, graças a um conjunto de circunstâncias, chegaram uns enviados desse país vago que lhe beijaram a mão e lhe chamaram Rei. D. Duarte Nuno andava então nos primeiros anos da sua mocidade. Os irmãos mais velhos haviam trocado a hipótese vaga desse hipotético trono, onde jamais reinariam, por realidades... mais positivas.

Dois deles tinham casado com duas plebeias milionárias. E ele ficou, menino e moço, Rei sem sem trono e sem ceptro, tal qual seu pai, tal qual seu avô. A volta do pequeno Rei fez-se uma pequena corte. Começaram-lhe falando da pátria dos seus maiores e criando no seu espírito o amor da terra desconhecida — para a qual o próprio sangue devia impeli-lo... Rodaram anos. D. Duarte atingiu a maioridade, e os seus partidários julgaram-no rei, num país que ele nem sequer conhecia. E no espírito do jovem rei, um pouco aventureiro como todos os espíritos moços, desabrochou, talvez num misto de curiosidade e de ternura, a ideia de visitar a pátria dos seus ante-



D. Duarte Nuno aos 14 anos de idade, quando foi «jurado» rei

passados. Havia, porém, obstáculos, não de carácter económico, porque para isso lá estava a unanimidade dos seus partidários que o têm defendido sempre das agruras da sua própria pobreza. Eram as leis — a da Monarquia e a da República — que muralhavam os seus planos. Apesar disso D. Duarte Nuno resolveu-se. Atravessaria, incógnito, a fronteira do Alentejo, iria ao norte, atravessaria cidades e aldeias, certo de que ninguém o conheceria. Era em vão que os seus partidários o advertiam:

— «Lembre-se V. Alteza de que em Portugal está a República e que a sua vida não pode nem deve expôr-se aos acasos vários duma aventura. Lembre-se, enfim, de que é Rei, e que desprestígio seria para a causa monárquica se o Rei fôsse preso pela República.»

O Príncipe ouviu-os. Pensou na sua aventura e decidiu por fim:

— «Derrotarei os perigos que possam porventura surgir. Mas irei.»

EM PORTUGAL!

De facto, por uma manhã de Primavera — era em Abril do ano de 1930 —, um automóvel, conduzindo apenas dois passageiros, um homem, cerca dos quarenta, e um rapaz louro, de vinte anos, olhar vivo que parecia querer abarcar tudo dum só golpe, atravessava a fronteira do Alentejo e entrava em Portugal. Vinham de Sevilha — disseram —, de visitar a grande Exposição Ibero-Americana. E, como a fronteira estava aberta, ninguém lhes perguntou pelos passaportes. Depois, falavam português...

O rapaz louro, de 20 anos, era o Príncipe D. Duarte Nuno. O seu companheiro, o timoneiro do automóvel, era o dr. Pequito Rebelo, figura grada do Integralismo e Condestável do pretendente legitimista.

O neto do Rei D. Miguel estava enfim em Portugal! No Alentejo descansaram algum tempo, em casa do dr. Hipólito Raposo, outro magnate da causa integralista. É necessário dizer, porém, que D. Duarte passou no nosso país sem que o soubesse a maioria dos seus partidários. Recordou-se, talvez, do que sucedera ao seu pai... Do Alentejo foram à Batalha. Visitaram o monumento que assinala o maior feito de armas da gente portuguesa. E, como meditação, o Príncipe, apenas acompanhado do dr. Pequito Rebelo, passou uma noite inteira em pleno campo da Batalha de Aljubarrota, em mística vigília. Quis sentir, ali, melhor, a bravura do Condestável, que foi também um dos seus maiores. De Aljubarrota seguiram para o Norte. Ao entrarem em Viseu, como quer que o dr. Pequito Rebelo tivesse infringido uma disposição do trânsito, o polícia sinaleiro esteve prestes a prender os dois tripulantes do automóvel... Por um triz que a aventura não termina ali... e com escândalo. Mas, vencido o precalço, subiram até ao Norte. Visitaram tudo quanto se podia visitar nas pressas de uma viagem clandestina... Para se es-

(Conclue na pag. 12)

O célebre jornalista dinamarquês KNUD HOLMBOE

que também usava o pseudónimo de «Reporter X» morre, assassinado, na Asia Menor, depois de se converter ao mahometismo

A morte misteriosa de Knud Holmboe está apaixonando não só o jornalismo e a literatura mundial como também o público de todos os países. É preciso que um povo viva completamente divorciado da civilização e do mundo para que desconheça, como se desconhece em Portugal, este sensacionalíssimo affaire. Knud Holmboe é o mais popular e aplaudido dos repórteres e escritores da Dinamarca. As suas reportagens sobre o fascismo e sobre Tripoli (de que resultou a sua expulsão da Itália), sobre a Rússia dos Sovietes, sobre a política francesa, sobre a ditadura de Primo de Rivera (que o levou também à expulsão de Espanha, quinze meses depois de nos suceder o mes-



O jornalista norueguês Knud Holmboe que morreu tão misteriosamente

mo), deram-lhe fama internacional e os seus artigos eram comprados pelos maiores diários dos dois continentes. Os seus livros, cujas edições se esgotaram rapidamente, estão traduzidos em todos os idiomas (... menos no nosso, já se vê...).

Knud era filho dum modesto comerciante da província dinamarquesa; foi educado nos princípios católicos romanos; e veio muito novo para Copenhague, onde as suas primeiras reportagens assinadas — curiosa coincidência — pelo pseudónimo de «Reporter X» o guindaram ao melhor posto do jornalismo pátrio. Conheci-o em Madrid, ainda sem barba, em 1923. Era mais velho do que eu, um pouco «snob» e vaidoso de sua celebridade, mas afável e, sobretudo, muito inteligente. Viajava com um criado árabe, um secretário, um fotógrafo e uma dactilógrafa... Ainda há pouco desenterei do meu arquivo de recordações uma carta sua convidando-me a almoçar no Ritz. Está datada de 2 de Setembro de 1923 e pede-me para convidar também «Monsieur Manso» — o dr. Joaquim Manso, ilustre director do «Diário de Lisboa», que também se encontrava em Madrid nessa época.

Ultimamente o diário «Politiken», de Copenhague, contratou com ele uma série de reportagens na Asia Menor. Apaixonou-se por tal forma pelo mahometismo que estudou e praticou os costumes religiosos e civis árabes até se confundir com eles. Falava sete línguas e vários dialectos. Vestia e vivia como um mahometano. E por fim, com grande surpresa mundial, abandonou a religião cristã, abraçando a religião de Allah. Na Dinamarca houve quem acusasse de «snob» essa conversão. Fôsse como fôsse, a verdade é que ele se tornou num mahometano muito mais fanático

(Continua na pag. 12)



Nina MacKenney, a ilustre «estrela» negra de cinema

O triunfo da raça negra

Homens de côr, portugueses e estrangeiros, afirmam-se com vantagem, competidores dos seus irmãos brancos

das Nações o seu sub-secretário de Estado para as Colónias, Denhigne, que, esquecido dos seus irmãos e da raça de que é oriundo, foi àquela assembleia internacional defender os brancos contra os naturais direitos dos africanos.

Na arte coreográfica também o primeiro lugar pertence à raça negra. Josefina Backer quando executa os seus bailados não encontrou ainda rival entre brancos ou amarelos, e até na América do Norte, conhecida pelo seu ódio aos negros, os lugares são disputados a sôco quando os dólares já os não podem alcançar.

Mais exemplos para quê? São tantos os que poderíamos citar, que o espaço não chegaria. Mas um basta e vale por todos os que pudessemos evocar. É a lição magnífica que constitue a fundação da grandiosa cidade de Hareem ao lado da super-civilizada New York. Ali todos os negócios estão na mão de gente de côr que são os banqueiros, os industriais, as autoridades, os artistas, os comerciantes, que são, numa palavra, os senhores onde os brancos são... os servidores.

Não só no estrangeiro os negros se notabilizam e concorrem com os brancos. Em Portugal também eles tem ascen-



Jorge Sougan Linson, o primeiro advogado espanhol de côr, que se propôs a deputado... inutilmente

dido aos mais elevados graus da hierarquia social, conquistando postos de destaque nas artes, nas letras, nas ciências e na política.

As nossas universidades e escolas superiores tem uma grande população

africana, não sendo nela que se encontram os peores alunos. Os africanos portugueses mantem na Europa um bem redigido jornal, *A Mocidade Africana*, a sua organização política, e um Club Negro.

Costa Alegre, de S. Tomé, e Eugénio Tavares, de Cabo Verde, são dos maiores poetas que modernamente escreveram em língua portuguesa. O almirante Cândido dos Reis, o mártir procurador da República era de Cabo Verde, de onde também era Carlos de Vasconcelos, antigo deputado e ministro das Colónias.

O capitão Gonzaga, o primeiro aviador português condecorado por feitos na Grande Guerra e uma das vítimas da aviação, era negro. O dr. Sousa Martins era descendente de africanos, o mesmo sucedendo a outro médico, o sr. dr. António de Almeida, que tem uma estátua em Angola de onde é natural.

Mais nomes ainda podíamos citar de africanos portugueses de grande categoria nas várias modalidades da vida social. O sr. dr. Honório Costa, da Guiné, é o primeiro advogado português que se formou e agora exilado político. Pascoal de Almeida o qualificado desportista, é Gentil dos Santos que representou Portugal na IX Olimpíada, são de côr.

Em todo o mundo os negros mostram que a sua raça, desde que lhe deem os necessários meios de cultura e educação vale tanto como qualquer outra e que no atrazo em que se encontram a culpa lhes não cabe.

Como há dias escrevia um estadista inglês, bem se pode afirmar que o presente século ficará como aquele que marcou, definitivamente, o triunfo da raça negra.

COSTA JÚNIOR

COM a recente abertura, em Paris, duma exposição de artes plásticas de artistas negros, onde as pinturas, as decorações, os desenhos, as esculturas, são o producto da inteligência e sensibilidade dos homens de côr, ficou definitivamente assegurado o triunfo da raça negra.

Por todo o mundo e em todas as profissões, os negros se mostram inteligentes competidores dos seus irmãos brancos. No cinema o filme *Aleuia!*, o primeiro realizado com interpretes exclusivamente de raça negra, foi um êxito poucas vezes igualado por brancos e que deixou maravilhados os mais exigentes cinéfilos. Ao lado do protagonista Daniel L. Haynes, que se revelou um formidável actor e um magnífico barítono, a escultural Nina MacKenney, já conhecida pela Clara Bow côr de ébano, mostrou-se uma das maiores *stars* da grande constelação cinematográfica.

Também na política os negros se mostram intelectual e moralmente tão capazes como os brancos. O negro Jorge Sougan Linson, o primeiro advogado espanhol de côr, disputou uma bancada nas constituintes espanholas onde quiz representar a população negra de Fernando do Pó que pretende conduzir até à emancipação definitiva.

A França, o mais formalista e protocolar país da Europa, ainda há pouco enviou como seu delegado à Sociedade

AZEITE

SANTA CRUZ

O melhor para mesa

RUA DO ALMADA, 179-1.º

TELEPHONE 4697 — PORTO

O perigo do erro judiciário

O nosso velho amigo Nãote R. Ales, símbolo de uma das mais populosas faunas lusitanas, apareceu-nos sob tão berrante metamorfose: cabisbaixo, pálido, os lábios contraídos por um rictus de funda angústia, que nos obrigou a interrogar a causa da ruína do seu próspero e eterno optimismo. Ele explicou-nos: «E' que eu vivi, até há poucos dias, na doce ilusão de que era o mais ditoso dos homens. Ganho o suficiente para garantir o pão diário e algumas ambições baratas: o cinema, uma passeata aos domingos, um pulo a Paris, etc.. Tenho uma saúde invejável,



sem ameaças no horizonte, e que eu defendo racional e tenazmente. Não me meto em cavalarias altas, sou essencialmente prudente; de forma que estava convicto de que, a não ser um terramoto, um incêndio, ou outra qualquer catástrofe irremediável, me encontrava livre de qualquer perigo grave... Ilusões! E que doloroso despertar! Algum que conhece, na intimidade, a vida das penitenciárias e dos tribunais, lembrou-se de revelar-me uma terrível verdade: que se se fizesse uma análise química ou seja «moderna» aos progressos de todos os que se encontram condenados a pequenas e grandes e últimas penas se chegaria à conclusão asfixiante de que mais de 40 por cento o foram negando sempre o crime; que mais de 35 por cento foram condenados apenas por... provas morais, e que mais de 25 por cento estão inocentes! Desta última percentagem, uma minoria insignificante (mas suficiente para se estabelecer a média) consegue, de tempos a tempos e com grande escândalo, provar a sua inocência, mas após quanta luta e esforço e sacrificio e martírio! De quem é a culpa? Não sei nem me interessa. O que interessa, sim, é saber que não existe nada mais fácil do que um dia, tu, ou eu, servirmos para o papel de autor de um crime, à falta de outro ou à falta do autêntico, de passarmos pela maquinaria policial que, com os retoques, aviva as falsas aparências (quando elas, mesmo falsas, existem, o que nem sempre fez falta) e de nos vermos, sem culpa nem pecado, no título duma penitenciária, condenados à mais horrível e lenta das mortes! Sim, meu velho! Se fés e possível que isso se desse com 25 por cento dos que estão a ferros ou no degrêdo (e são apenas os que se conhecem), possível seria também que succedesse comigo ou comigo! Eis o motivo porque, desde então, vivo numa verdadeira tortura, assustado, fugindo de tudo e de todos, sempre a tremer que me pesquem para criminoso. Quando, outro dia, um jornal reaccionário pedia a pena de morte, juro-te que me aterrorizei e acariciei o peçoço, como se estivesse aguardando o julgamento por um crime que pudesse levar-me ao patíbulo... E se os 6 milhões ds portugueses soubersem o que eu sei sobre os meandros dum *affaire* recente e muito falado que Alfredo Marques trata magistralmente no seu último livro «Sangue e dinheiros»; se tivessem lido, como eu li, a cópia de uma carta em que um homem — um homem — diz: «...tanto barulho, tanta prosa, e porquê? Os erros judiciários são de todos os tempos e nem por isso o mundo deixa de seguir o seu caminho! Que os réus estão inocentes? Também eu sofri o ano passado o desgosto de perder uma prima que muito estimava, e nem por isso morri!»; se todos os portugueses soubersem a importância que alguns indivíduos dão à liberdade alheia, viveriam, como eu, sob um terror constante.»



O Reporter X vende-se em todas as tabacarias.

T S F... X

Crédito ? ... — A lavoura atravessa uma situação grave!...

Agrícola ? ... — Num país agrícola, a agricultura não pode morrer... É preciso, é urgente, auxiliar a lavoura...

Era este o clamor geral de há um ano em todo o país. De norte a sul fez-se um movimento de simpatia a favor da lavoura. Nasceram várias campanhas: a do milho, a de produção agrícola, a do trigo, a pecuária. Mas não bastava. Era preciso auxiliar a lavoura por meios mais directos. Então fundou-se a Caixa de Crédito Nacional, faz agora um ano, que fechou o primeiro exercício com um lucro de 45.000 contos. Quere dizer: a lavoura agonizante, a lavoura arruinada, a lavoura moribunda sofreu uma sangria de 45.000 contos — os tais lucros... — e parece que não morreu.

E' verdade, também, que depois da sangria as melhoras não foram muitas.

Não tendo morrido da doença, ameaça, agora, morrer da cura...

Mais um ... Os médicos! Vamos contar um caso que é, por assim dizer, a documentação, se ela fôsse precisa, do que tanta vez aqui temos dito sobre os médicos.

Uma madrugada um rapaz foi bater à porta dum médico, o dr. M. de C., morador próximo das Janelas Verdes, pedindo-lhe para ir a uma casa próxima, dois prédios abaixo, onde tinha o pai a morrer. Resposta do

Esculápio com mais geitos de alveitar:

— Estou deitado, agora não vou. Amanhã de manhã...

Rogos, súplicas, ameaças, tudo foi inútil. Uma corrida aos médicos que moravam próximo, que, por infelicidade, se não se encontravam em casa. Até que foi posto em prática o último recurso.

Chamar um polícia e obrigar o médico a cumprir o seu dever. Mas... já era tarde. Quando o civico se dispunha a intervir, chegou o anúncio de que tinha morrido o doente.

Se isto se tivesse passado há 100 anos, justificava lindamente a fôrea do sr. D. Miguel. Hoje... Hoje não lhe succederá mal nenhum e continuará matando o seu semelhante em dias de neurastenia...

Pequenos escravos Quando se pensará em organizar a Sociedade Protectora dos Homens? Se fizessemos um inquerito rigoroso à vida que certos lojistas dão aos seus caixeiros, descobririamos verdadeiros casos de escravatura e da mais cruel. E não nos referimos apenas a merceeiros brutamontes, desses dos bairros afastados que obrigam os marçanos a trabalhar das 5 da manhã até ao princípio da madrugada, alimentando-os mal e fazendo do mesquinho ordenado uma hipótese que acaba por ser sempre negativa... para o marçano. Pômos em foco alguns — alguns apenas — lojistas pomposos da Baixa que tratam os seus empregados de forma a revoltar os próprios clientes. Não têm conta as queixas que recebemos a êste respeito. Existe, sobretudo, um, estabelecido numa rua paralela à Rua Augusta que leva a sua tirania ao espancamento dos marçanos mais novos, não contando com a exploração material a que os sujeita. Eis o que alguém nos escreve a seu respeito: «Fulano tem-se tornado últimamente uma verdadeira fera para os seus escravos. Porquê? Porque

sabe que todos têm familia e que é difficil actualmente encontrar emprêgo. Ao menor esbôço de revolta, berra logo: «Rua! Vão estoirar de fome! Muito gratos me deviam estar por eu os ter conservado até hoje!...»

Almas generosas ... Houve um tempo em que nós próprios pediamos, aos berros, uma repressão contra o espectáculo irritante da mendicidade nacional... A perseguição que nos faziam nas ruas, como nas estradas; o aspecto sórdido, os farrapos, as chagas, o Carnaval macabro da sua exibição, as monstruosidades humanas que exploravam eram argumentos eloquentes contra a liberdade que os mendigos gozavam então. E o mais grave era que a maioria desses cavalheiros estava organizada em seitas e amealhavam verdadeiras fortunas, às vezes ao preço de crueldades ignominiosas e de explorações infames. Essa fauna, perseguida ou não, existe ainda, mas não é dela que falamos. Em todo o País nota-se a invasão de uma nova classe de mendigos, mendigos decentes, enverganhados, *contre-cœur*, que o são pela angustiosa posição da fome dos seus e pela fatalidade de não terem onde o ganhar. São centenas, e esses não só não incomodam os transeuntes como devem merecer, de todos os felizardos que não se viram ainda na necessidade de estender a mão à caridade, o máximo respeito.

Há dias, à porta de uma casa bancária da Rua do Ouro, cavaqueavam em grupo uns cinco ou seis novos-ricos da finança, abrasileirados e refulgentes de jóias. Foram abordados por um dos novos mendigos, que correctamente lhes suplicou uma esmola; e logo um dos novos-ricos, numa cólera furiosa, berrou: «Deixa-me em paz! Vai trabalhar! Vai trabalhar!» Com que direito se pode mandar trabalhar, hoje, seja quem fôr? Com que direito um homem que não passa hoje recusa, actualmente, uma migalha da sua mesa aos novos-pobres? Oh! Quantas almas generosas andam por êste mundo! Esta a que nos referimos pertence ao muito illustre sr. F... G..., cuja fortuna dava um folhetim para o «Petit Parisien», que êle compra todos os dias para trazer bem visível, mas que não lê, entre muitas outras razões, porque... não sabe francês!...

Um sábio alemão em Lisboa
O mistério da sua visita ao nosso País

ENCONTRA-SE em Lisboa, há dois dias, o sr. dr. professor Rau Elioghster, distinto professor de ciências na Universidade de Berlim, tendo resultado inútil todo o trabalho desenvolvido pelos jornalistas para conhecerem o fim da sua viagem.

Estudos científicos? Simples viagem de recreio? Algum caso de ordem sentimental chamou o illustre sábio alemão ao nosso País? Todos os esforços foram inúteis. Impenetrável, o nosso illustre visitante negou-se terminantemente a elucidar os jornalistas e o mistério, cada vez mais denso, pairava sobre a sua personalidade. Mas para o Reporter X não há segredos nem impossíveis. Seguimos o illustre dr. Elioghster e verificámos que a sua vinda a Lisboa tinha por fim, somente, procurar uma boa colocação de capitais. E só encontrou possível êsse *desideratum* na Casa Mendonça, L.da, com séde no Rossio, 47, 1.º, conhecida em Lisboa e no país pela sua honestidade e pelo interesse que toma pelos clientes.



A. L. Feireiro Grandeza das 20.64 de desconto em todos os trabalhos de sua casa e em todos os preços de todos os artigos, o que pode fazer servir as suas grandes fabricas, em que emprega 10 máquinas elétricas e grandes artigos (mais de 100) que todas as casas de género realista, e sua perfumaria de trabalhos é universal, e que figura com 3 medalhas de ouro que teve só uma exposição. Antigo fornecedor do Estado, Camaras, Hospitais, Caxilhões de Ferro, etc., etc. Convidá a publico em geral a visitar as suas officinas e a ver os seus fabricos e assim ver o verdadeiro do que acaba de pôr 158, Rua do C. ARTES de mar.

CAMBISTA TESTA

6.000.000\$00

Se quereis a vossa felicidade habilitai-vos nesta casa, que vende bilhetes a 1.600\$00, meios a 800\$00, vigésimos a 80\$00, cautelas a 21\$00 e 11\$00. Pelo correio mais 1\$00. Pedidos a CASTELO & DINIZ, Ltd. — 74, R. do Arsenal, 78 — LISBOA

O que mais sortes grandes das lotarias extraordinárias tem vendido deve ser o que este ano vende os

D. Duarte Nuno esteve em Portugal

(Continuação da pag. 9)

quiver a possíveis sensaborias, evitaram comer nos hotéis: preparavam, no próprio automóvel, adrede disposto, as suas frugais refeições. Na volta passaram por Coimbra, onde D. Duarte foi conhecido. Houve quem gritasse, em plena rua da Lusa Atenas:

— «Vai ali D. Duarte Nuno.»

O dr. Pequito Rebelo ouviu ainda o grito. Deu mais velocidade ao automóvel. E da velha cidade universitária, o Príncipe pouco mais viu do que a torre da Universidade... Regressaram a Lisboa. Na capital, pouco saía, a não ser de noite. A certa altura teve uma ideia: estava na idade de servir na vida militar. Queria cumprir com esse dever. Seria soldado... da República. Dissuadiram-no. O último argumento foi este:

— «Não pense Vossa Alteza nisso. O ministro da Guerra actual é um republicano severíssimo... Não transijiria, e é mesmo possível que Vossa Alteza seja prêso.»

O Príncipe convenceu-se, ou deixou-se vencer pelo peso do argumento. Dentro de poucos dias o neto de D. Miguel I passava a fronteira, saudável já d'este sol de maravilha, desta pátria de cuja beleza ele ficara encantado. E quando pela segunda vez passara a raia do Alentejo e se perdia pelas Espanhas, então a polícia de Portugal descobriu:

— «Tinha cá estado o Príncipe D. Duarte Nuno!...»

REPORTER DIÁVOLO

N. da R. — Esta reportagem, por todas as razões sensacional, foi produto de um longo trabalho de um dos mais brilhantes colaboradores do «Reporter X», que surpreendeu, por um acaso, há meses, um vestígio da passagem por Portugal de D. Duarte Nuno... Graças a múltiplos esforços, conseguiu compôr o puzzle que os senhores acabam de ler com legítimo e natural interesse.

Quereis dinheiro?

Jogai no

Gama

R. do Amparo, 51 — LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

Sempre sortes grandes!!

O Angola e Metrópole na literatura

(Continuação da pag. 8)

— Acredita na confissão?
— Absolutamente. Fui eu até que o exortei a que se confessasse, pois só dentro da verdade sei advogar...

— Entende então que o livro justifica a revisão do processo?...

— De modo nenhum. O livro não é suficiente, sob o ponto de vista jurídico, para se pedir uma revisão do processo, e só o ponto de vista jurídico é de considerar nestas circunstâncias, embora eu acredite na inocência dos outros réus...

Verificam os leitores que pela primeira vez, desde que o Angola e Metrópole passou dos «meios enganatórios» de Alves Reis para os investigações da polícia e para a barra dos tribunais, se encontram de acordo os advogados de defesa e acusação de Alves Reis sob um ponto capital: Não chegou ainda a hora de pedir uma revisão do processo monstruoso do Angola e Metrópole.

KNUD HOLMBOE

(Continuação da pag. 9)

e cumpridor do que muitos árabes. Há pouco tempo anunciou uma viagem pelo interior da Mesopotâmia, onde as tribus se guerreiam defendendo vários pretendentes aos vários tronos e onde os políticos franceses e ingleses exercem uma política de inquietação e de ódio. Antes de partir escreveu ao pai, dizendo que... «embora o meu Deus me ensine a nada temer —nem mesmo a morte—, não posso reprimir os restos estúpidos de europeu e de católico que fermentam no fundo da minha alma, dando-me o vago pressentimento de uma próxima fatalidade.» Detalhe: Knud deixara crescer umas longas barbas, que eram dum loiro escandinavo. Para se contentar bem com os árabes, pintara-as de negro. Mas de nada lhe serviu o *truc*, visto que a imprensa mundial acaba de receber um telegrama que anuncia a sua morte — «assassinado em condições misteriosas» — sem explicar quem e como o assassinaram. Floreteiam à volta desta morte várias opiniões. Uns afirmam que foram as tribus inimigas dos seus amigos que o lincharam; outros dizem que foi uma potência europeia — a Itália? a França? a Inglaterra? — que o mandou matar; outros ainda insinuam que Knud era um discípulo do célebre Lawrence, que, de tempos a tempos, *morre* para poder manobrar mais à vontade. Mas há também quem cochiche que se trata apenas de um alarde de publicidade em favor do seu próximo livro. Quem dirá a verdade?

R. X.

Novela Policial

O MAIOR ÊXITO DA LITERATURA EMOCIONANTE

PELA PRIMEIRA VEZ O NOSSO PÚBLICO POSSUE UMA LEITURA POLICIAL PORTUGUESA, DESENVOLVIDA EM PORTUGAL, COM PERSONAGENS PORTUGUESES, EM REDOR DE ASSUNTOS PORTUGUESES

Leiam a

NOVELA POLICIAL

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

OS MELHORES



ALVAIADES

EM MASSA

O material Pilot é a garantia da nitidez nas audições radiofónicas e adquire-se na

HERTZIANNA, L.^{DA}

Telefone T. 1217 STUDIO-N. 904

RUA AUGUSTA, 250

O «GALO DE OURO»

é o estabelecimento que põe uma nota europeia na cidade de Lisboa

AINDA há pouco tempo era vulgar ouvir, a cada instante, indivíduos lastimarem-se por não saberem onde ir passar a noite. Lisboa, para a multidão que diariamente desembarca dos comboios ou dos transatlânticos que todos os dias demandam o nosso porto, passadas as nove horas da noite, era uma cidade de aldeia. Nada havia que pudesse servir de distração não só à população flutuante da cidade mas também aos que residindo sempre em Lisboa tanto direito têm como os outros a algumas horas de honesta alegria depois de um dia de trabalho insano. Mas não. Eram gerais os queixumes e Lisboa era, de facto, a cidade onde a gente se aborrece.

Era assim, temos dito, e é verdade. Mas hoje, felizmente, modificaram-se um pouco as coisas e, mercê do esforço e audácia de alguns homens de boa vontade, que tudo arriscaram, sossêgo e capitais, Lisboa recebeu como que um banho de civilização e hoje tem já um local onde, sem grande dispêndio, como convém ao nosso meio, num ambiente artístico e agradável, se reúnem os elementos necessários a dar aos visitantes de tão aprazível local algumas horas de alegria verdadeira.

Referimo-nos ao *Galo de Ouro*, o grande ca-

balet que de certo não tem rival em toda a península e cuja fama já passou as fronteiras da cidade e hoje é discutido na província com o mesmo entusiasmo com que o seriam as sete maravilhas do mundo... se existissem.

E justifica-se esse entusiasmo pela necessidade que representava o *Galo de Ouro* no nosso meio. A cidade, sem alegria, sem a boémia característica e típica de que nos falam os grandes artistas e escritores, é uma cidade sem personalidade. E tudo isso Lisboa adquiriu com a fundação do *cabaret* famoso.

Mas, se isso só não bastasse, havia também a impô-lo à nossa consideração o facto de o *Galo de Ouro* manter perto de 100 empregados, o que nesta época de desemprego e crise económica que todos os países atravessam é um facto que deve ser ponderado e tem que ser levado em linha de conta. O próprio Estado cobra do *Galo de Ouro* avultadíssimas contribuições e a assistência pública, as criancinhas e os velhos dos asilos, desamparados da sorte e destroços da vida, têm, daquela casa, um dos seus mais avultados auxílios. E assim, ao mesmo tempo que procuram um pouco de alegria e de arte, que noutro local de Lisboa será difícil de conseguir, os frequentadores do *Galo de Ouro* concorrem para aumentar

as receitas do Estado, evitam o desemprego duma centena de pessoas e contribuem, duma maneira eloquente, para auxiliar os asilos e casas de caridade, que bem precisam desse auxílio generoso, nesta época de aguda crise.

E em troca do prazer material de assistir a um bom espectáculo de variedades e conviver com gentis mulheres num ambiente artístico e intelectual e do prazer espiritual não menor de fazer bem a quem precisa, o que se exige aos frequentadores do *Galo de Ouro*? Uma pequena despesa que está bem nas posses de qualquer pessoa medianamente colocada, sendo até essa uma das grandes vantagens do afamado *cabaret*, pois que ali faz-se a verdadeira democratização: perante tão pouca despesa não há pobres nem ricos, burgueses ou plebeus. Nas mesas do *Galo de Ouro* todos são iguais.

Por isso se justifica a afluência sempre crescente àquela casa. Quem por tão poucos gastos não quer viver umas horas diferentes das que vive toda a Lisboa, num ambiente europeu, tão diferente deste pobre ambiente desta Lisboa envelhecida?

Augusto Guedes

DESPACHANTE OFICIAL

ALFANDEGA DE LISBOA

Na C. N. N. 2.3021 — 2.3024
" Alfândega 2.6571
TELEFONES Particular N. 2673

Novela n.º 36

HOMEM DA MEIA-NOITE

Quinta-feira, 3 de Dezembro de 1931

**Sensacionalíssimo
original inédito
de Guedes de Amorim**

LEIAM

Finalmente remodelados os serviços gráficos do «Reporter X», a *Novela Policial*, que não tem podido publicar-se, **VOLTA A APARECER A'S QUINTAS-FEIRAS, SEM QUALQUER NOVO ADIAMENTO, como sempre cheia de interesse**



O que foram na vida real Texas Jack, Buffalo Bill e outros heróis de romance

III — Como e porque Jack Karang foi alcunhado de Texas-Jack



O velho Meyer, sheriff de New-Hagg-City, depois comandante do Forte das Nevadas e padrinho das aventuras de Texas Jack

RESUMO DAS ANTERIORES REPORTAGENS

O autor destas memórias, depois de recordar o que era a vida do Far-West em meados do século passado e a importância que os caçadores de búfalos tiveram na civilização americana, conta como foi que o escritor major Thompson (Lansk) conheceu o mais famoso dos heróis des a época, Texas Jack, cujas aventuras ele escreveu, rendendo-lhe celebridade e fortuna. Contudo, Thompson cometeu muito erro na sua obra, a começar pelo episódio inicial. Segundo ele afirma, Texas Jack inaugurara uma existência de «matador de índios» aos dezasseis anos, quando os «sioux», depois de lhe incendiarem as propriedades, lhe chactnaram os pais e criados, escapando Jack por um milagre. A verdade é que, quando isso se deu, o pequeno Jack Karang (é este o autêntico nome do herói) contava apenas alguns meses. Quando a povoação da vizinha cidade de New-Hagu-City veio acudir aos sitiados, já os índios tinham fugido, não sendo encontrado, entre os cadáveres, o pequeno Jack. Zalama, uma criança india dedicadíssima à família, passou a noite nas ruínas na esperança de que Manitú, o seu Deus, lhe restituísse o pequeno «rosto pálido». «Óbito, no silêncio do deserto, escutou uns gemidos abafados e dolorosos.

ZALAMA orientou-se... O vago ruído vinha do local onde se estiravam os cadáveres dos amos. Acercou-se da esposa de William Karang, que caíra de peito, e, erguendo-lhe um dos braços, viu moverem-se, com lenta dificuldade, as pernitias tenras e frágeis de uma criança. O resto do corpo e a cabeça estavam

Ressuscitado de entre os cadáveres — Zalama, a mãe adoptiva de Jack — Para conquistar a primeira carabina — O falso alarme — O bufarinheiro misterioso — A primeira proeza.

sob o seio da morta; e se o pequeno Jack não fôra esmagado ou não asfixiara por completo fôra devido ao facto do cadáver materno ter ficado um pouco inclinado sobre o lado oposto. Retirando o pequeno ente e levando-o nos braços, notou que as suas faces estavam congestionadas, enegrecidas. Procurando restituí-lo à vida, visionou, pelo instinto do seu amor, o que se tinha passado. A mãe de Jack tinha sido ferida, quasi no fim da luta, e calculara que os índios não tardariam a invadir a casa e a linchar quem vivesse ainda. Nas angústias agónicas, toda a sua ansia era salvar o filho das crueldades dos sitiantes... Arrastara-se, num supremo esforço, até ele e tentara fazer com o seu corpo, com o seu cadáver, uma guarda... um refúgio para o pequeno Jack. Se não fôra Zalama, a pobre criança, embora tivesse escapado à fúria sangüinária dos índios, não sobreviveria à asfixia provocada pela própria mãe...

Zalama, com o pequeno Jack muito apertado contra o peito, calculou toda a noite até New-Hagg-City, cuja população acabava de sair vencedora de outro ataque de peles-vermelhas. Os amigos de William Karang, ao saberem que o pequeno estava vivo e são, rejubilaram e vários braços se estenderam para o acolher; mas Zalama, com tal amor defendeu os seus direitos sobre Jack que ninguém ousou arrancá-lo das suas mãos. Deram-lhe o trabalho que ela pedia, para se manter e manter o seu filho adoptivo.

Jack cresceu assim, criado sob o amor de Zalama. A sua invulgar cultura sobre os costumes, os segredos, e os dialectos índios nasceu desses anos de convivência com a sua salvadora... Até que...

AS PRIMEIRAS PROEZAS DE JACK

A maioria dos habitantes de New-Hagg dedicava-se à agricultura; e quando Jack, aos treze anos bem espigados, se mostrava deseioso de aplicar a sua actividade em qualquer trabalho útil, tentaram atraí-lo para as lides do campo. Mas a vocação de Jack era outra...

A sua maior tristeza era não possuir ainda armas de fogo. A sua única arma era um «kower», espécie de faca «sioux» que Zalama lhe oferecera no dia do seu décimo terceiro aniversário. Um domingo em que um amigo lhe emprestara um cavalo para dar uma passeata pelos arredores, entrou, pouco depois, na cidade, num galope desenfreado, alarmando toda a gente. «Acabo de ver uma verdadeira multidão de índios, em pé de guerra, na colina de Kansas... Parece que se dirigem para aqui.» O velho Meyer, que era uma espécie de sheriff, de juiz e de general nomeado pelos seus concidadãos, começou imediatamente a distribuir munições e a colocar a sua gente em sítios estratégicos; e como em momento de perigo até as próprias mulheres pegavam em armas, não hesitou em fornecer ao pequeno Jack uma carabina e uma pistola.

O alarme foi dado às dez da manhã. Entardecia. Os defensores da cidade estavam já fatigados por uma tão longa imobilidade e vigilância e cheios de fome, porque ninguém ousara abandonar os seus

postos para ir comer; e a respeito de assaltantes, nem vestígios. Perto das sete horas ouviram ruído duma cavalgada, mas em vez de índios surgiram vários vizinhos do Kansas, que regressavam duma ferra. Interrogaram-nos, e eles, admirados da atitude bélica daquela gente, disseram que haviam passado parte do dia na colina do Kansas sem notarem nada de extraordinário. O velho Meyer, surpreendidíssimo com esta informação, mandou chamar o pequeno Jack. Os emissários voltaram dizendo que Jack não aparecia em parte alguma!

Foi uma noite de torturas e de lágrimas para a pobre Zalama, que já visionava o seu querido «rosto-pálido» esposteado pelos «sioux» ou pelos «miazos», as duas tribus mais cruéis da região. Ao amanhecer fizeram-se vários raids pelos arredores, sem resultado. Perto do meio dia entrou na população um bufarinheiro, que trazia um recado para Mr. Meyer. O recado era para ele ir, acompanhado dalguns homens robustos e dalguns carros, a um sítio denominado «Boca que Ri», entrada do desfiladeiro das Nevadas, a umas duas léguas de New-Hagg. — «Mas quem te deu esse recado?» — indagou Meyer. — «Um desconhecido!» E não havendo forma de arrancar outra explicação ao bufarinheiro, Meyer resolveu partir, com os carros,



O «Barba-Negra», bufarinheiro e aventureiro do Texas, que trouxe o recado de Jack a New-Hagg-City e que mais tarde foi seu companheiro em várias proezas

mas acompanhado não por alguns mas sim por todos os homens disponíveis, na suspeita de que se tratasse duma cilada. Logo que a «Boca que Ri» surgiu ao seu olhar, notou, empoleirado num montículo, um indivíduo que os saía com um lenço... Pouco depois, embora ainda a grande distância, reconheceram-no: era o pequeno Jack Karang. O que os intrigou foi uma enorme massa negra que atapetava o chão, em redor do montículo. Qual não foi a surpresa e o orgulho daquela gente que via no orão um filho... colectivo, ao vêrem que essa massa negra era composta por algumas dezenas de búfalos... abatidos!

O pequeno Jack, num alvoroço natural, revelou logo a sua façanha: «Não se zanguem comigo — pediu. — Mas eu fui obrigado a mentir. Quando ontem saí de manhã, vi, ao longe, na colina do Kansas, não uma multidão de índios, mas sim uma imensa manada de búfalos. Ora eu ouvira contar a Zalama que de cinco em cinco anos os búfalos vêm pastar às Nevadas. A última vez que vieram, recorde-me, tinha eu oito anos, e recorde-me porque nesse dia o pobre tio Belchior foi morto, esmigalhado, por uma manada de búfalos. Fiz as contas e compreendi que era uma bela ocasião de experimentar as minhas qualidades de caçador. Mas ninguém quisera, até hoje, dar-me uma espingarda; e muito menos se eu dissesse para que a destinava. Veio-me à ideia dar o alarme, certo de que, na ameaça dum assalto de «sioux», me forneceriam uma arma de fogo e munições. E assim foi! E enquanto os senhores estavam entrancheirados, à espera dos índios, galopava eu para aqui. E como vê, já tenho direito a possuir armas de fogo porque sei fazer bom uso delas.»

Foi esta a primeira proeza de Jack, como caçador de búfalos. A sua caçada rendeu perto de cem dólares, quantia apreciável naquela época. E foi como caçador de búfalos que ele ganhou o célebre apodo de Texas Jack. As suas lutas contra os índios tiveram um início diferente.

LÊR NO PRÓXIMO NÚMERO:—Texas Jack, general.

HOMENS & FACTOS DO DIA

(Continuação da pag. 3)

dois jovens que apreciavam o valor plástico e as impressões causadas pelos pares com quem acabavam de bailar. O mais encardido habitué de lupanares não fala com mais semcerimónia das fêmeas que tem possuído... Pois bem... Um desses moços acompanhava duas irmãs a esse baile, e as irmãs ballavam continua e variadamente. O outro estava para casar com uma jovem presente que, de tempos a tempos, era escamoteada por outros braços que não eram os do noivo. Pasmeei sobretudo que aquêl futuro marido não pensasse que os outros pares de sua futura esposa a enlaçariam, a prensariam contra êles, nas mesmas e inevitáveis intenções com que ele enlaçava e prensava contra si as jovens com quem ballava...

Mau! Desde que, há meses, «despi o nú» das praias nesta mesma barraca de cristal e só recebi aplausos de leitoras de cinquenta anos para cima e de cavaleiros sisudos, jurei nunca mais desabafar com esta franqueza sobre estes

assuntos... Deixem-me calar, pois, porque não existe para o escritor ou jornalista maior amargura do que se vê apenas compreendido e aprovado por velhas e moralistas...

REPORTER X

Dinheiro! Dinheiro!

(Continuação da pag. 7)

O importante Serviço de Capitalização que não dá morada, que tem o pessoal inteiramente ocupado, tão ocupado que não pode receber os visitantes, não faz os negócios directamente, mas sim por meio de agentes na provincia, que arranjam os clientes e recebem deles a título de preparos, a centésima parte da importância pedida por empréstimo, 20\$00 para 2.000\$00, 30\$00 para 3 contos, 50 para cinco contos, e sempre nesta proporção, passando êsses agentes recibo em seu nome da importância recebida, da qual mandam metade para o dr. Pawel, na Posta Restante n.º 380, em Lisboa. Só o agente fica responsabilizado pela importância que recebeu da pessoa que pretende o empréstimo, mas da qual o falso dr. Pawel recebeu metade. E ele bem avisa no seu português pitoresco, onde há tantos pontapés na gramática como os seus negócios existem pontapés na moral: «Os Pedidos de Empréstimo que não sejam acompanhados desta quantia de (10\$00), ficarão absolutamente, e sem excepção, sem seguimento.»

O resto já os leitores perceberam: recebidos os dez, os vinte, os cinquenta escudos, o famoso dr. Pawel nunca mais responde às cartas, e, certo da ingenuidade indígena..., muda de negócio.

Ele diz — escreve, é bom de entender... — aos correspondentes: PODEM ACEITAR QUALQUER PEDIDO DE EMPRÉSTIMO, sem se ocuparem com a solvabilidade dos mutuários, sendo isto exclusivamente da nossa competência.»

E' bom de vêr que lhe não interessa saber se os clientes pagam ou não as importâncias... que não tenciona emprestar. O que ele quer, o que ele exige, é o dinheiro *soi disant* dos preparos — pão de cada dia —, que em última análise os correspondentes serão obrigados a desembolsar.

Fica assim demonstrado, como dissemos, que anda meio mundo a enganar outro meio, e este famoso dr. Pawel decerto que ainda não enganou meio mundo porque lhe não deram tempo, não lhe faltando, no entanto, apetite para isso...

COSTA JÚNIOR

Lenine, a espôsa, o teatro "Atelier" e a cidade do Porto

(Continuação da pag. 7)

Lenine», em que Porché reconstituiu a revolução russa «à maneira de Epinal», que Dullin interpretou com extraordinário brilho e que o «Atelier» de Paris montou com fartos proveitos. O que, para nós, nesse drama, representou um acontecimento foi a inesperada revelação — inesperada, inédita, pasmosa — de que Lenine nasceu na cidade do Porto por um acaso da vida materna — acaso que os pais ocultaram sempre — e que Maria, a estranha e dedicada espôsa do «Deus do Bolchevismo», era filha de uma portuguesa, de nome Hortense de Jesus, que ajudara a mãe de Lenine nos trabalhos do nascimento do filho.

Eis uma notícia que honrará alguns portuenses mas que indignará outros.

Nós e o... sr. Personne

PERSONNE — aquele que veio de Stokolmo a Lisboa em consequência duma aposta que realizou na Suécia — (ele afirmava que os portugueses eram tão papalvos que se deixariam, todos, mas todos, intrujar pelas suas habilidades de ilusionista; os seus compatriotas garantiam o contrário mas... apesar disso veio até cá —, Personne, diziamos nós, pode ter muitos defeitos, mas é obediente. Cumpre à risca as ordens que se lhe dão... O nosso querido camarada Mário Domingues, no remate do magnífico *match* jornalístico em que Personne ia ficando feito em... *personne*, aconselhou-o a que não deixasse diluir em esquecimento o processo que lhe movera e que, mal as férias judiciais terminassem, activasse o seu prosseguimento. O gigantesco irmão dos bacalhaus escandinavos, se bem o escutou, melhor o executou. O nosso camarada já ontem prestou as declarações preliminares ao respectivo juiz, reservando para o julgamento o rebate, sobre o mármore do tribunal, das provas sonoras de todas as moedas falsas, morais e pessoais, do celeberrimo Personne...

O mistério da Costa do Sol

NÃO HOUVE CRIME. A MORTE DA VÍTIMA DEVE-SE A UM ACTO DE DESESPERO.

TODO O PAÍS tem ouvido falar do «Mistério da Costa do Sol», do «Assassinio da inglesa Flery», e no entanto a policia e todos os que pelo mistério se interessam têm verificado que são inúteis todos os esforços, vãs todas as tentativas para o aclarar.

Quem ganhava com a morte da loira e simpática inglesa? Ninguém. A quem podia interessar o seu desaparecimento? Não tinha herdeiros que lhe pudessem ficar com os bens; acarinhada pela familia que via naquela filha o único enlevo e o maior motivo de alegria, o trágico ponto final que pôs fim à sua vida a todos emocionou, ninguém lhe encontrando uma explicação clara.

E todos que conheciam a pobre Flery recordam, cheios de angústia, a madrugada em que o seu corpo foi encontrado estendido na areia, o seu cabelo loiro beijado por uma réstea de luar, o crânio ensangüentado.

Aventou-se a hipótese dum suicídio, mas a policia imediatamente a pôs de parte por a achar inverosímil, como se tantas vezes o inverosímil não estivesse mais próximo da verdade que o trivial.

Foram chamados *detectives* ingleses e o crime foi finalmente descoberto. E' esta a sensacional notícia que podemos dar aos leitores do *Reporter X*: a loira e meiga Flery não foi assassinada. Matou-se com um tiro na fronte alvissima porque a familia a não deixou ir ao *Maria Vitória*, onde todas as noites se representa a *Nau Catrineta*, a popular revista que áquêl teatro tem chamado a população não só da cidade e arredores como a da provincia, pois sabemos que propositadamente têm vindo pessoas a Lisboa para assistir ao hilariante espectáculo.

Folha do **quinto** combate
CONCURSOS **5.º** **SEMANAIS**
KOLOSSO

Batalha naval do REPORTER X
 4.000 escudos de prémios! 4.000 escudos!

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
1											1
2											2
3											3
4											4
5											5
6											6
7											7
8											8
9											9
10											10
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	

Não perca tempo! Bata-se connosco!

Nome do concorrente

Morada

Número

Localidade

O DINHEIRO IMEDIATO

Imediatamente à abertura dos envelopes, em Lisboa, Porto e Coimbra, a nossa administração, na Rua do Alecrim, entregará os prémios aos vencedores de Lisboa e enviará pelo correio os prémios aos das províncias; na nossa Agência do Porto levantarão os concorrentes os seus prémios e na de Coimbra proceder-se-á de igual modo.

Rápido! Irrefutável! Decisivo!

Os concorrentes que possuam a senha numerada que damos em troca da «Folha de combate», preenchida e marcada pelos **quarenta e cinco** tiros, estão habilitados aos seguintes prémios:

1.º PRÉMIO:

500 escudos

Cabe ao concorrente que **afundar todas as unidades**. No caso de haver mais de um concorrente nestas condições, será o prémio sorteado entre estes. Após este sorteio, os concorrentes deste grupo a quem não tenha tocado o 1.º prémio receberão **50 escudos, cada**, como prémio de compensação.

2.º PRÉMIO

200 escudos

É entregue ao concorrente que **maior número de tiros acertar e mais unidades afundar a seguir ao primeiro premiado**. No caso de haver mais de um concorrente em idênticas condições, proceder-se-á a um sorteio igual ao do primeiro prémio, recebendo os que perderem **uma compensação de 20 escudos, cada um**.

3.º PRÉMIO

100 escudos

Será dado ao que **não atingir nenhuma unidade**. Como nos prémios anteriores, se houver mais de um concorrente deste grupo, em igualdade de circunstâncias, far-se-á o desempate por sorteio, cabendo **10 escudos** de compensação aos que não forem bafejados pela sorte.

4.º PRÉMIO

100 escudos

Caberá ao concorrente que **afundar o navio almirante, sem atingir as outras unidades des**. Como nos anteriores, no caso de empate, decidir-se-á por sorteio, cabendo um prémio de compensação **de 10 escudos** para os que não alcançarem os 100 escudos.

5.º e 6.º PRÉMIOS
50 escudos, cada

Aos dois concorrentes que **afundarem os quatro submarinos, sem atingir as outras unidades**. Havendo mais de dois concorrentes nestas condições, proceder-se-á a um sorteio idêntico ao que já anunciamos, cabendo **10 escudos** de compensação aos que não lograrem o prémio inteiro.

IMPORTANTE

Condições indispensáveis

Serão eliminados todos os concorrentes que **não cumpram as indicações** publicadas;

Que marquem os seus tiros em papel diferente da «Folha de combate» que o Reporter X publica todas as semanas. **Só serve a Folha do Reporter X;**

Que não reclamem o seu prémio um mês depois da publicação da respectiva «Folha de combate».

Cada premiado receberá o prémio em troca da **senha numerada**, do seu **retrato** e do recibo respectivo.

Bata-se connosco!

BREVEMENTE, SURPRESAS SENSACIONAIS!